

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura  
Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica

FREDERICO MONTEIRO DE CASTRO CÔRTEZ

**MV BILL E O RAP COMO FORMA DE AQUILOMBAMENTO**  
**“Só Deus pode me Julgar” como resistência e crítica**  
**social**

Rio de Janeiro  
2023



Frederico Monteiro de Castro Côrtes

**MV BILL E O RAP COMO FORMA DE AQUILOMBAMENTO  
“Só Deus pode me Julgar” como resistência e crítica social**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Ciências Sociais e Educação Básica.

Orientador (a) Professor (a): Dr. Selmo Nascimento da Silva.

Rio de Janeiro  
2023

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

C828 Côrtes, Frederico Monteiro de Castro

MV Bill e o rap como forma de aquilombamento : “Só Deus pode me julgar” como resistência e crítica social / Frederico Monteiro de Castro Côrtes. – Rio de Janeiro, 2023.

26 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Selmo Nascimento da Silva.

1. Ciências sociais - Estudo e ensino. 2. Cultura. 3. Rap (Música). 4. Resistência na arte. 5. Movimentos sociais. 6. Movimento negro - Brasil. 7. Quilombos I. Silva, Selmo Nascimento da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Frederico Monteiro de Castro Côrtes

**MV BILL E O RAP COMO FORMA DE AQUILOMBAMENTO  
“Só Deus pode me Julgar” como resistência e crítica social**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Ciências Sociais e Educação Básica.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Titulação e nome do orientador (Orientador)  
Instituição a que pertence

---

Titulação e nome do segundo membro da banca  
Instituição a que pertence

---

Titulação e nome do terceiro membro da banca  
Instituição a que pertence

---

Titulação e nome do quarto membro da banca  
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro  
2023

## **MV BILL E O RAP COMO FORMA DE AQUILOMBAMENTO “Só Deus pode me Julgar” como resistência e crítica social**

Frederico Monteiro de Castro Côrtes

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre a notoriedade da vida e obra do artista e ativista social MV Bill e como sua canção "Só Deus pode me julgar" pode apontar um caminho para uma proposta de coletividade, tendo como ponto de partida a sala de aula. A partir dessa análise, buscamos compreender a importância do trabalho do rapper como ferramenta de trabalho em relação à resistência ao sistema de dominação cultural presente no Brasil desde os tempos coloniais. O Aquilombamento se tornou um movimento que nos obriga a questionar o racismo estrutural por meio do aprendizado permanente, numa luta incansável pelo fim das tantas injustiças sociais.

**Palavras-chave:** Cultura; Rap; Resistência; Movimento Social; Aquilombamento.

## **MV BILL AND RAP AS A WAY OF AQUILOMBAMENTO "Only God Can Judge Me" as Resistance and Social Criticism**

**Abstract:** This article aims to reflect on the notoriety of the life and work of the artist and social activist MV Bill and how his song "Only God can judge me" can point a way towards a proposal of collectivity, having as a starting point the classroom. From this analysis, we seek an understanding about the importance of the rapper's work as a work tool in relation to the resistance to the system of cultural domination present in Brazil since colonial times. Aquilombamento has become a movement that forces us to question structural racism through permanent learning, in a tireless struggle towards the end of the many social injustices.

**Keywords:** Culture; Rap music; Resistance; Social Movement; Aquilombamento

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos temas bastantes debatidos há alguns anos nas Ciências Sociais dentro da temática Cultura é como a música pode ser encarada como um aspecto de integração dentro de um povo. Ela costuma unir pessoas, às vezes com opiniões diferentes, mas integradas em um mesmo ritmo. “Ninguém dança sozinho! Dança com, dança para, dança junto... Dança é encantamento, é resistência...”, escreveu a doutora em Filosofia Lara Sayão (LOPES; SIMAS, 2020 p.9).

E por falar em Cultura dentro das Ciências Sociais, é importante tratarmos da cultura Hip-Hop, que tem no Rap um dos elementos fundamentais, além da dança, do grafite e do DJ. O Rap traz em sus letras a realidade das comunidades marginalizadas, permitindo que os jovens se conectem com sua própria cultura, buscando assim sua própria identidade. Encontram na música um espaço onde podem expressar suas vivências e suas emoções. Nas palavras da escritora e pedagoga Elaine Nunes de Andrade, em seu livro Rap e Educação Rap é Educação: “O hip-hop, embora englobe os elementos artísticos break, dança, e o grafite, pintura, é o rap, música, um instrumento de maior poder e valorização do movimento.” (1999, p.86)

O Rap se transformou numa importante ferramenta de empoderamento e integração de jovens habitantes de regiões periféricas, onde, através das letras e das rimas, passaram a ser encorajados e estimulados a refletirem sobre as questões sociais, culturais e raciais. Ao tratar de assuntos como o racismo, as desigualdades e a violência do estado, se enxergam como possíveis agentes de uma transformação não somente de suas comunidades, mas da própria sociedade.

Como ferramenta de expressão artística, o Rap estimula a interação e a criatividade, despertando o talento dos adolescentes. Ele dá a oportunidade do desenvolvimento das habilidades literárias e da musicalidade, despertando também o interesse pela produção musical e audiovisual de maneira autêntica e original.

O Rap desperta uma linguagem poderosa que ultrapassa as fronteiras da música, tornando-se uma ferramenta de educação na busca pela transformação da sociedade. Promove o aumento da conscientização social e do empoderamento de jovens que teriam tudo para continuarem afastados, não só geograficamente, mas também educacionalmente e economicamente dos centros de decisão.

Ele toca na ferida e trata de temas extremamente relevantes em direção às transformações socioeconômicas que o país necessita. Muito mais do que um gênero

musical, é uma expressão cultural que nasceu nas comunidades negras e periféricas, carregando consigo histórias, protestos, denúncias e a busca por justiça social.

Da mesma maneira, o Aquilombamento<sup>1</sup> é uma proposta de coletividade e ajuda mútua, um chamado à ação coletiva no caminho para a redução das injustiças sociais históricas no país. O termo faz referência às experiências coletivas de escravizados vividas nos quilombos, focos de resistência ao brutal sistema capitalista de dominação existente no Brasil desde meados do século XVI. Essas comunidades autônomas de resistência negra tornaram-se uma expressão de liberdade para milhões de cativos trazidos à força do continente africano para serem subjugados na América.

O Aquilombamento transcende o espaço físico dos quilombos históricos, pois se manifesta nos dias de hoje, nas comunidades que continuam a se organizar e a resistir contra as múltiplas formas de opressão existentes no país. É um movimento que nos convoca a refletir sobre o racismo estrutural presente em nossa sociedade e a tomar ações concretas para combatê-lo.

Aquilombar-se é também um processo contínuo de aprendizado e reflexão. É reconhecer que somos seres em constante evolução, e que a luta por justiça social requer um compromisso diário. É uma teia de resistência que se fortalece por meio da troca de experiências, do compartilhamento de conhecimentos e do apoio mútuo. É o abraço afetivo que fortalece, acolhe e impulsiona a construção de um futuro mais justo e igualitário.

O preconceito não se mostra apenas na segregação física ou espacial de um grupo de indivíduos, mas também na desconsideração de determinados aspectos culturais relativos a um povo. Impede-se uma língua, uma religião, as vestimentas, os alimentos etc. Desconsideração presente desde o início da chegada dos europeus em território que viria a ser o Brasil. Nas palavras do português Pero Magalhães de Gandavo, em uma carta escrita em 1576 ao governo de Portugal sobre os costumes dos nativos que povoavam o território:

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (GANDAVO, 2008, p.65)

1

---

<sup>1</sup> SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. In: Revista Metamorfose, vol. 4, nº 4, 2020.

Uma declaração etnocêntrica que viria a ser a marca cultural deixada pelos europeus em solo americano. A filósofa e escritora brasileira Djamila Ribeiro relatou em seu livro “Pequeno Manual Antirracista” que a também filósofa e ativista Sueli Carneiro tratou desse assunto através do conceito Epistemicídio, proposto pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos. Disse Carneiro:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se construído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esse processo denominamos epistemicídio. (2019, p.62)

A Cultura é um dos principais fatores de integração de um povo, mas ao mesmo tempo pode representar um elemento de segregação, visto que tende a unir os iguais, separando indivíduos que pensam de maneira diferente. Daí a importância de se trabalhar temas relacionados a ela, principalmente no que diz respeito à preservação de aspectos culturais de povos trazidos a força ao longo de mais de trezentos anos.

O Aquilombamento carrega consigo a essência da resistência, da luta e da permanência da população negra brasileira. É um ato de afirmar a própria humanidade em meio a um sistema historicamente opressivo e desumanizador, no qual nossa sociedade tem sido historicamente construída. Foi esse sistema que levou à violência cotidiana e permanente contra a população negra do país.

A discriminação também se estabelece a partir da inferioriza são dos bens simbólicos daqueles a quem colonialismo tenta submeter: crenças, danças, comidas, visões de mundo, formas de celebrar a vida, enterrar os mortos e educar as crianças

O discurso do colonizador europeu em relação aos africanos consagrou a ideia de que estes seriam

naturalmente atrasados, despossuídos de história. Apenas elementos externos a eles - a ciência, o cristianismo, a democracia representativa, a economia de mercado e a escola ocidental - poderiam inseri-los naquilo que imaginamos ser a história da humanidade. É a tentativa, em suma, de impor um olhar homogêneo sobre o mundo. (LOPES; SIMAS 2020, p.16)

Portanto, é no sentido contrário a essa perspectiva que o Rap se une ao Aquilombamento, pois ambos buscam não só a ideia de reconhecimento e crítica social referente à cultura hegemônica, mas também a uma ideia de auxílio mútuo às populações periféricas que buscam manter ou resgatar parte de suas identidades. É entender que não podemos nos acomodar, mas sim buscar sempre novos conhecimentos, desafiar nossos próprios preconceitos e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

## **Capítulo 1 - O contexto histórico**

O Brasil ainda vivia o finalzinho da Ditadura Civil-Militar na década de 80 do século passado e chegava na cidade de São Paulo um novo estilo musical. Oriundo da Jamaica durante os anos de 1960, chegou aos EUA na década seguinte, nos bairros pobres da cidade de Nova Iorque. O termo RAP significa Rhythm and Poetry, ou seja, Ritmo e Poesia na língua inglesa e coube ao bairro do Bronx, em Nova Iorque, ser o seu grande representante na década de 1970.

Aqui em nosso território, vivíamos pressões por eleições diretas para presidente através da campanha das “Diretas Já”, no qual várias camadas da sociedade engajaram-se na luta pelo retorno à Democracia política no país. Apesar de fracassada, a campanha por eleições diretas para presidente demonstrou o esgotamento do modelo político autoritário que vigorava no país desde meados da década de 1960.

Vale ressaltar que a campanha pelo retorno da Democracia e consequentemente pelo fim do autoritarismo estava bem mais direcionada a uma classe média intelectualizada do que às camadas periféricas das grandes cidades, visto que a mão violenta do Estado nunca deixou de atuar nessas regiões sobre essas populações.

Importante destacar também a ligação entre o hip hop e o movimento negro principalmente a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro. A década de 1970 na periferia de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro marca a eclosão de inúmeros bailes Black. Segundo o músico e antropólogo paulista, Ricardo Teperman:

Já em 1977 o músico Afrika Bambaataa havia criado a Zulu Nation, tida como a primeira organização comunitária do hip hop. Bambaataa pretendia combater a violência entre gangues promovendo a competição por meio dos chamados “quatro elementos”: DJ, MC, break e grafite. Bambaataa passou a defender a existência de um “quinto elemento” na cultura hip-hop: o conhecimento. A ideia é um contraponto a redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação.

Nesse sentido é preciso considerar um aspecto crucial dessa manifestação: sua ligação com as lutas do chamado movimento negro. (2015, p.27)

Na cidade do Rio de Janeiro por exemplo, desde os anos de 1970, os bailes Blacks marcaram a juventude de milhares de adolescentes das periferias através de pistas de danças e equipamentos de som improvisados, que promoviam as festas em diversas regiões tocando principalmente o funk. Como esses jovens tinham dificuldade para conseguir sair de suas localidades, em virtude da falta de dinheiro, esses bailes se tornaram o único atrativo cultural para milhares de moradores de favelas e regiões de periferias.

Fazendo referência ao Rio de Janeiro dos anos 1970, Alex Ratts e Flavia Rios relatam em seu livro sobre a filósofa e ativista brasileira, referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe na América Latina, Lélia Gonzales que:

(...) A capital Fluminense, cidade em que Lélia residia e atuava mais cotidianamente, tinha sido uma das principais fontes de mobilização negra contra a discriminação, servindo, inclusive, de referência para o restante do país. Ali, resistência durante os “anos de chumbo” vinha desde os bailes black da década de 1970, que garantiu o lazer da juventude negra carioca e, ao mesmo tempo, serviram de espaço de construção identitária, uma vez que imagens, músicas e ritmos difundiam o orgulho negro. (2010, p.79)

Período de intensas mudanças que deixaram significativas marcas em nossa história, os anos 1970 e 1980 representaram uma busca por liberdade, pela ampliação da noção de cidadania e transformações sociais mais profundas. No final período, grupos de regiões periféricas da capital paulistana se reuniam na rua 24 de maio e na estação São Bento do metrô para ouvir músicas e danças ao som desse ritmo recém-chegado ao país.

A década de 1990 prometia colocar o Brasil em sintonia com a mais nova política econômica ocidental, o Neoliberalismo, apoiado num discurso de modernidade que levaria o país ao desenvolvimento. “A política governamental da década de 1990 iria, supostamente, acertar os ponteiros nacionais como o relógio que regia a vida mundial por meio de propostas que selarão a adesão ao neoliberalismo.” (OLIVEIRA, p.116, 2015).

Em meados dos anos 1990, principalmente com a criação do plano real, criou-se a perspectiva de que todas as camadas sociais teriam acesso ao consumo de mercadorias que até então não seriam possíveis. Porém, enquanto os sonhos e as aspirações de consumo eram tratados como algo geral, na realidade crescia a distância social entre aqueles que realmente poderiam realizar esses sonhos e a maioria da população, que não tinha acesso a isso. A redução das oportunidades econômicas e o enfraquecimento das políticas públicas promoveram um aumento das desigualdades sociais e a percepção mais real do que estava acontecendo naquele momento. É nesse contexto que, segundo Jane Souto, “movimentos musicais como o Olodum em Salvador, o movimento Mangue em Recife e o movimento Funk no Rio de Janeiro ganham particular expressão e relevo”. (p.71, 1997). Já na capital paulista,

... equipes como Os Carlos, Fórmula Um e Black Mad faziam festas na rua, em estacionamentos ou na porta de bares. Nas vitrolas, muito samba rock, funk e soul. Equipes como Zimbabwe e Chique Show atingiram um grande nível de organização, chegaram a ter programas de rádio FM e adquiriram imóveis de grande porte para a realização de suas festas. Durante anos, a Chic Show alugava regularmente o ginásio da Sociedade Esportiva Palmeiras, que comportava mais de 20 mil pessoas, para grandes bailes coroados com apresentações de artistas como Jorge Bem, Gilberto Gil, Tim Maia e, mais tarde atrações estrangeiras como James Brown e Kool Moe Dee, o primeiro rapper norte-americano a se apresentar no Brasil. (Teperman 2015, p. 32 e 33)

Desde a sua origem em nosso país, o Rap tem a particularidade de ser um dos principais ritmos musicais a debater sobre o preconceito, a violência e a segregação racial, e como isso se reflete na sociedade como um todo.

Independente de que cidade estivermos falando, principalmente se for uma capital, a diversidade de maneiras de se viver é enorme e os problemas sociais parecem ser os mesmos, principalmente àqueles que afetam a população negra dessas localidades. Diante deste quadro, o Rap se apresenta não só como um ritmo musical, mas como integrante de um movimento que busca criticar essa situação, ao mesmo tempo em que propõe algumas transformações sociais. Talvez por isso o Rap, durante muito tempo, tenha sido considerado subversivo, e em muitos casos associado pelas autoridades e por parte da sociedade como algo perigoso, que estimulava a violência e a criminalidade.

O Rap é um dos elementos do chamado movimento hip hop, cujo objetivo era tentar reduzir a violência entre a juventude através da dança, do grafite e da música. Embora o movimento tenha outros elementos como o break, o grafite, a pintura e a dança, o rap, ou seja, a letra e a música, se transformou no maior instrumento de valorização do movimento jovem. Tornou-se o meio não só de desabafo e crítica, mas também como um meio político de debate no combate à exclusão da juventude de regiões de periferias. Expressa as vivências do cotidiano, assim como as dificuldades sociais e econômicas de quem vive nessas regiões socioespaciais excluídas, onde o poder público não se faz presente.

Pelo fato de o movimento Hip Hop ser considerado um movimento social, os seus integrantes desenvolvem uma educação política, a busca pela ampliação do direito à cidadania fortalecendo sua identidade étnica, valorizando a autoestima em direção à igualdade e por uma sociedade mais justa. Nas palavras da escritora e pedagoga Elaine Nunes de Andrade em seu livro Rap e Educação, Rap é Educação:

O Rap, independentemente do seu ritmo acelerado, ensurdecador e rebelde, representa um instrumento político de uma juventude excluída. (...) Quem observa o seu conteúdo analisando a sua letra, independentemente do seu gosto musical vai encontrar uma leitura de vida social do 'fazer' da sociedade, comparada a muitos cientistas sociais que apenas superam esses jovens na linguagem culta e específica do universo científico. (1996, p.86)

## Capítulo 2- O Aquilombamento e sua importância histórica

Os quilombos eram comunidades autônomas, formadas principalmente por afrodescendentes fugitivos da escravidão, que desempenharam um papel vital na construção da história e na preservação da identidade cultural afro-brasileira. Sua origem remonta aos primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil e se tornaram, além de um refúgio seguro, uma chance de reconquistar a liberdade roubada.

Os quilombolas, além de se defenderem dos ataques dos latifundiários, desenvolviam formas de organização social e política, criando sistemas de liderança e regras internas de apoio comunitário. Refletiam suas raízes ancestrais, criando mecanismos para manter as tradições, línguas e crenças, transmitindo-as de geração em geração. Símbolos de resistência, são marcos que testemunharam a luta incansável de comunidades negras fugitivas por sua liberdade e dignidade.

Ainda presentes em muitas partes do país, continuam preservando sua herança e contribuindo para a diversidade cultural e, apesar dos desafios enfrentados, como o acesso limitado a serviços públicos e a pressão da expansão urbana, continuam desempenhando um papel vital na promoção da igualdade racial, na preservação da cultura afro-brasileira e na conscientização sobre a história de suas populações.

A história dos quilombos é um testemunho da capacidade humana de superar as adversidades, mantendo viva o ideal da identidade. Essas comunidades preservaram antigas tradições africanas de solidariedade entre os seus membros, resistindo ao domínio e exploração, buscando lutar para manter vivas as raízes, as crenças e as práticas culturais herdadas do continente africano.

O Aquilombamento é um termo que se relaciona com a ideia de formar ou promover a criação de quilombos, mas também pode ser usado de forma metafórica para descrever a ação de pessoas que se unem em busca de resistência, autonomia e autossuficiência, muitas vezes em contextos sociais, políticos e econômicos desafiadores. O termo "aquilombamento" é uma palavra que surgiu para descrever um fenômeno social e político em que pessoas negras se organizam, se unem e resistem coletivamente à discriminação racial, à opressão e às desigualdades em várias esferas da sociedade. Nas palavras da pesquisadora Stéfane Souto (2020):

“Se o quilombo não é uma ideia localizada no passado, mas sim um espaço de agregação que se reconfigurou diversas vezes na história da diáspora afro-brasileira, constituindo-se a partir do assentamento de comunidades negras e fortemente ligado aos aspectos territoriais, pedimos licença para desdobrar a enunciação feita por Beatriz Nascimento e desembocar na ideia de “aquilombamento” enquanto dispositivo derivado da instituição quilombo, porém destituído do seu caráter territorial, no intuito de demonstrar a continuidade do ato de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade e designar experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade.” (SOUTO, 2020 p.141)

Envolve ações como o fortalecimento da identidade negra, a promoção da cultura afro-brasileira, a denúncia do racismo estrutural, a luta por direitos iguais e a construção de redes de apoio. Essa forma de resistência busca criar espaços seguros onde as pessoas possam se expressar, se unir e enfrentar os desafios que ainda persistem em uma sociedade marcada pelo racismo.

O termo dialoga com o conceito de Quilombismo, descrito por Abdias Nascimento quando ele diz que esse “tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana.” (NASCIMENTO, 2002). Se aproxima também do conceito Quilombagem, desenvolvido por Clóvis Moura, pois ambos têm na resistência sua essência.

A questão que se coloca para Moura é que mesmo submetido ao processo de marginalização do processo de trabalho formal, a população negra se reorganiza e luta contra essa dinâmica de exclusão tendo a cultura como mediação fundante dessa resistência. Processo que se estende aos dias de hoje. (FARIAS)

Aquilombamento, nesse sentido, representa a busca por liberdade, justiça e igualdade, bem como a capacidade de construir comunidades fortes e resilientes, mesmo em situações adversas. Um conceito que evoca a ideia de resistência, unidade e autossuficiência, inspirada pelo legado dos quilombos históricos, que representaram um importante ponto de fuga da opressão da escravidão e um exemplo de comunidades que se autogerenciavam e buscavam sua própria liberdade e dignidade.

Ele está relacionado às iniciativas de educação, conscientização e mobilização política que visam combater o racismo e promover a igualdade racial, podendo ocorrer em comunidades locais, nas redes sociais, nas artes e em outros campos da sociedade.

“Aquilombar-se na atualidade é estabelecer o Autocuidado, construir espaços coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. Aquilombar-se é se Organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade. Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado, para entender o presente e construir o futuro.” (JUNIOR, 2019).

Ou seja, o Aquilombamento é um conceito contemporâneo que reflete a continuidade da luta histórica das pessoas negras por liberdade, igualdade e justiça, adaptada às realidades e desafios da sociedade atual. Traz a essência da luta e da resistência contra as injustiças e se transformou em um ato de afirmação da própria humanidade, reivindicando o conceito de liberdade diante de um sistema cada vez mais opressor. É um processo de ruptura contra os preconceitos arraigados e estereótipos limitantes presentes na história do Brasil, que lembra da importância da solidariedade, do apoio mútuo e do respeito às diferenças.

É uma resposta coletiva aos desafios enfrentados, à discriminação racial, à violência policial e à marginalização econômica. É estar consciente de sua história e ancestralidade, de reconhecer o valor e a contribuição do povo negro para a construção do Brasil. É levantar a voz e ocupar espaços antes negados, é buscar justiça e igualdade, promovendo a inclusão.

Aquilombamento é também um convite à reflexão para além das fronteiras raciais. É um chamado à desconstrução do privilégio branco, à ampliação do olhar e à busca por equidade. É entender que a luta antirracista não é responsabilidade apenas das pessoas negras, mas sim de toda a sociedade. É a partir desse diálogo que as estruturas opressoras são confrontadas, que os estereótipos são desmontados e que a construção de um futuro mais inclusivo se torna possível.

### Capítulo 3- MV Bill e sua biografia

Alex Pereira Barbosa, mais conhecido como MV Bill, é um rapper, escritor e ativista brasileiro nascido no ano de 1974, na comunidade da Cidade de Deus<sup>2</sup>, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sua luta contra a desigualdade social, a violência e a injustiça no Brasil, temas frequentes em suas letras e atividades, são a marca de sua vida pessoal e profissional. Seu nome artístico está relacionado a um apelido de infância, quando o achavam parecido com um personagem de desenhos animados chamado Rato Bill. Mais tarde, já engajado no movimento Hip-Hop, agregou um MV, que significa Mensageiro da Verdade. A partir daí, passou a ser conhecido como MV Bill.

“O Adão foi o parceiro que me apresentou ao Rap quando eu era só mais um bundão da CDD. Feio, esquisito e invisível. O Rato Bill, como Didigo apelidou. Didigo era um moleque zoeir<sup>2</sup>a demais, irmão do Toquinho, primo do Piu-Piu. Vivia me chamando de “cara de rato” e quando queria ser legal me chamava de “Rato Bill” o apelido que acabou pegando.” (BILL, 2022, p. 13)

A trajetória de MV Bill começou na “CDD”, como é popularmente conhecida a Cidade de Deus, onde ele cresceu em meio à pobreza e à violência. Sua experiência de vida influenciou profundamente seu trabalho artístico, e ele se tornou um dos principais representantes do rap consciente no Brasil. Suas letras retratam a realidade das favelas e denunciam problemas sociais como o tráfico de drogas, a violência policial e a falta de oportunidades para jovens das comunidades carentes.

Com seu primeiro álbum solo, "Traficando Informação", lançado em 1999, MV Bill ganhou reconhecimento nacional e foi elogiado por sua abordagem lírica única e seu compromisso com as questões sociais. Influenciado pelo rapper estadunidense Too short, um dos primeiros rappers a produzir e vender o seu próprio trabalho em fitas cassete no início da carreira, MV Bill passou a produzir suas músicas com o auxílio de amigos e a frequentar bailes blacks com o intuito de vender o seu trabalho.

“Portelão, Viaduto de Madureira, Vera Cruz, Disco

---

<sup>2</sup> A Cidade de Deus foi programada originariamente para ser um conjunto habitacional e fazia parte de um planejamento do governo do Estado da Guanabara na década de 1960 para abrigar famílias desalojadas de outras comunidades, principalmente na zona sul da cidade, como a Praia do Pinto, no Leblon, o Parque da Gávea, a Ilha das Dragas e a Catacumba, na Lagoa. (MACHADO, 2013).

Voador... fui a todos. A galera lá dançando, na beca, e eu chegava com a minha sacolinha de mercado cheias de fitas para vender. Levava tudo entocado na cintura, dentro do tênis, num esquema meio clandestino. Em pouco tempo fiquei conhecido pelos seguranças. Em alguns bailes, me botavam para fora. Em outros, eu nem entrava. (...)

Era como se eu fosse um fora da lei, um traficante, e minha música, um entorpecente. Talvez fosse isso mesmo. Na minha música havia alertas, denúncias... informações como potencial para mudar o mundo, ou pelo menos parte dele. Eu estava, portanto, traficando informação, e surgiu aí o nome do meu primeiro disco, aquele que eu lançaria anos mais tarde, depois de muito cantar sobre as bases americanas e perceber o quão amador era esse esquema.” (BILL, 2022, p.85 e 86.)

Além de sua carreira musical, MV Bill é conhecido por seu ativismo em prol dos direitos humanos e da igualdade racial. Ele utiliza sua plataforma para fazer campanha contra a discriminação racial, a violência policial e outras formas de injustiça.

Também trabalha em projetos sociais e programas educacionais para jovens em comunidades vulneráveis, sendo um dos fundadores da organização não governamental "CUFA" (Central Única das Favelas), que tem como objetivo promover oportunidades e melhorar a qualidade de vida nas favelas brasileiras. Por meio da CUFA, ele desenvolveu projetos educacionais, culturais e esportivos para jovens em comunidades marginalizadas.

Criada pelos rappers Nega Gizza, MV Bill e pelo produtor cultural Celso Athayde em 1999, a CUFA nasceu da necessidade de dar oportunidades às pessoas que vivem em comunidades, no geral esquecidas pelo estado e pela sociedade em geral. Dela, veio a convicção de que as favelas são fontes de talento, cultura e potencial, prontas para florescer quando dadas as condições adequadas. A organização começou como uma iniciativa local no Rio de Janeiro, mas se espalhou por todo o país, estabelecendo filiais em diversas outras cidades. Programas como aulas de dança, música, esportes e educação buscam empoderar as comunidades, oferecendo a possibilidade de criação de um futuro melhor não só para quem já a frequenta, mas também para as gerações futuras. Além de promover cursos na área da educação, a CUFA também organiza eventos esportivos como a Liga Internacional de Basquete de Rua (LIIBRA) e a Taça das Favelas, que dão a oportunidade para jovens de regiões periféricas possam mostrar seu talento, misturando esporte, dança e hip hop. Em relação ao Hip Hop, de acordo como site da organização:

A CUFA produz a primeira edição do Hutúz Rap Festival, o maior evento de hip hop da América Latina, que revelou grandes nomes como Rappin Hood, Dexter, Negra Li, entre outros. Pelos palcos do Hutúz, passaram grandes nomes da música como Caetano Velos, Gilberto Gil, Moraes Moreira e Sandra de Sá.

Ao longo da década de 1990, algumas ONG's (Organizações Não-Governamentais) apareceram com o propósito de iniciar uma espécie de auto-organização popular. Como uma alternativa aos partidos políticos e aos sindicatos, as ONG's passaram a ser tratadas como os novos movimentos sociais, mas não tardaram a serem cooptadas pelos governos neoliberais do período. Atualmente, a CUFA, por exemplo, recebe financiamento de empresas como a TIM, a Uber e o banco Santander. (SANTIAGO, 2020)

Ainda em referência às ONG's servirem aos interesses neoliberais, a socióloga e professora titular da Universidade Federal do Maranhão, Ilse Gomes Silva, vai nessa direção quando relata que:

O aspecto “não governamental” e “sem fins lucrativos” das ONGs se revela bem funcional para a massificação e materialização da intervenção estatal de caráter neoliberal, pois oculta a mercantilização e a ruptura com o padrão universalista das políticas públicas. (...) Enquanto na década de 1980 o cenário político brasileiro foi marcado pela presença dos chamados novos movimentos sociais, que na sua diversidade social e heterogeneidade de concepções políticas lutaram pelo fim da ditadura militar, democratização do Estado e participação popular, os anos 1990 se inicia com parte considerável desses movimentos sociais inseridos na dinâmica do aparelho do Estado, deixando no passado a radicalidade de suas propostas e as críticas às políticas governamentais. É esse contexto que pavimenta a entrada das ONGs e do Terceiro Setor na condição de parceiros preferenciais na implementação das políticas neoliberais no Brasil. (SILVA, 2012, p.191)

MV Bill também se destacou como autor, escrevendo o livro "Falcão - Meninos do Tráfico". Lançado em 2006 a obra aborda o tema do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro a partir da perspectiva das crianças e adolescentes envolvidos nesse mundo. Baseado nas experiências dos autores, que têm uma relação próxima com as comunidades afetadas pela violência do tráfico de drogas e pela falta de

oportunidades, o livro oferece uma visão comovente da vida nas comunidades do Rio de Janeiro, destacando os desafios enfrentados por crianças e adolescentes que são atraídos para o tráfico de drogas. Além disso, a obra também examina as políticas públicas e sociais que perpetuam esse ciclo de violência e desigualdade, ressaltando a necessidade de uma abordagem mais abrangente para resolver o problema do tráfico, incluindo uma reforma na política de drogas e o investimento em educação e oportunidades de emprego.

A influência do rapper MV Bill vai além da música e da literatura, pois ele se tornou um ícone da cultura hip-hop no Brasil e um defensor incansável dos direitos humanos e da justiça social. MV Bill é amplamente respeitado por sua voz autêntica e sua dedicação à causa das comunidades marginalizadas.

#### **Capítulo 4- MV Bill, Aquilombamento e “Só Deus pode me Julgar”**

Da mesma maneira como os quilombos eram lugares de preservação cultural e identitária, o Rap também é uma forma de expressar a identidade negra e as experiências da comunidade. As letras frequentemente abordam questões de racismo, discriminação, violência policial e desigualdade, oferecendo uma voz para aqueles que enfrentam essas injustiças. É uma forma de resistência cultural e política, além de uma maneira de resistir à opressão sistêmica e à marginalização. Suas letras confrontam diretamente o poder estabelecido, desafiando as normas sociais injustas.

Tanto os quilombos quanto a cultura do rap são marcados pela formação de comunidades fortes. O rap reúne pessoas com experiências semelhantes e proporciona um espaço para compartilhar histórias, preocupações e aspirações. Os artistas de rap muitas vezes colaboram uns com os outros e com suas comunidades para promover mudanças sociais positivas. Partindo desse ponto, o artista MV Bill contribui para manter viva a consciência histórica da luta contra a opressão.

Bill desempenha um papel importante na promoção do Aquilombamento, utilizando sua influência como rapper e ativista para conscientizar, mobilizar e empoderar a comunidade negra no Brasil. Segundo o cantor, a construção da música “Só Deus pode me julgar” em 2001, não foi fácil, pois foram mais de seis meses até sua finalização.

“Naquela época, a gente fazia tudo por telefone, as contas eram astronômicas. Já as músicas iam e vinham por CDs, via Sedex. (...); foram 6 meses para compor “Só Deus pode me julgar”. Eu mesmo botei o título, eu mesmo fiz tudo. Falei de várias situações, num papo que não poderia ser mais reto.” (BILL, 2022, p. 210)

Já nos primeiros versos da música por exemplo, ele levanta a seguinte questão acerca da importância de continuar sua luta e de valorizar a cultura da periferia quando alega que: “Vai ser preciso muito mais pra me fazer recuar. Minha autoestima não é fácil de abaixar”. Trata-se da importância de seu nome como referência no cenário musical brasileiro.

Suas músicas inspiram a luta por justiça social e igualdade racial no país. Sendo uma figura respeitada, é visto como um líder que se dedica a causas sociais, pois trabalha para fortalecer as comunidades, promover a educação e oferecer oportunidades para jovens em situações desfavoráveis.

Contribui para manter viva a consciência da história da luta dos negros no Brasil, pois suas músicas, livros e palestras frequentemente fazem referência à história do país, destacando os desafios enfrentados pela população afrodescendente ao longo dos séculos. Sua obra serve como uma forma de conscientização e educação, expondo as injustiças enfrentadas pela população negra e incentivando a reflexão e ação.

Na letra de “Só Deus Pode Me Julgar”, o rapper traz uma mensagem poderosa e desafiadora para expressar sua autenticidade e identidade, defendendo sua trajetória e escolhas de vida. Enfrenta os estigmas e preconceitos que estão associados ao seu passado ou ao gênero de música que ele faz, deixando claro que não se importa com os julgamentos alheio. Nessa letra, a mensagem é de autoconfiança e resistência às críticas externas, principalmente diante de uma sociedade preconceituosa.

A letra aborda questões sociais e problemas enfrentados em comunidades marginalizadas, sugerindo que o rapper está determinado a lutar por uma mudança positiva em sua realidade.

Estabelece uma crítica em relação à diferença de tratamento que a sociedade oferece quando um crime é cometido por jovens de classe média ou alta e que não há investimentos para que a situação dos jovens de periferia seja alterada,

destacando a importância da luta em direção à busca pela dignidade da população negra, quando diz que:

(...) Ninguém mais quer ser boneco  
 Ninguém quer ser controlado  
 Vigiado, programado, calado, ameaçado  
 Se for filho de bacana, o caso é abafado  
 A gente é que é caçado, tratados como réu  
 As armas que eu uso é microfone, caneta e papel  
 (...)  
 Sem investimento, no esquecimento, explode o  
 pensamento  
 Mais um homem violento  
 Que pega no canhão e age inconsequente  
 Eu pego o microfone com discurso contundente  
 (Que te assusta)  
 Uma atitude brusca  
 Dignificando e brigando por uma vida justa  
 (...)"

"Só Deus Pode Me Julgar" é uma música que celebra a autenticidade, a autoaceitação e a resistência aos julgamentos externos, tecendo críticas aos estereótipos e padrões de beleza estabelecidos pela grande mídia e sobre qual o papel do negro na TV. Segundo o rapper:

"(...) Só tem paqueta loira  
 Aqui não tem preta como apresentadora  
 Novela de escravo, a emissora gosta  
 Mostra os pretos chibatadas pelas costas (...)"

"Mantendo a cabeça em pé e sem dar marcha ré", Bill invoca a importância do orgulho da população negra, destacando a luta e a resistência contra o preconceito histórico existente no Brasil, que segundo ele é resultado de um processo de abolição que não inseriu os ex-escravizados e seus descendentes na sociedade, mantendo-os a margem da cidadania ao longo do tempo. Para o rapper, esse preconceito é um dos fatores que arruinam o país, tornando-o apodrecido.

"Preconceito sem conceito que apodrece a nação  
 Filhos do descaso mesmo pós-abolição  
 Mais de 500 anos de angústia e sofrimentos  
 Me acorrentaram, mas não meus pensamentos (...)"

Levantando a autoestima da população periférica e mantendo a cabeça erguida em direção a luta por uma vida justa, Bill destaca que a mídia, através do entretenimento, transformou a população negra sua como sinônimo de criminoso, principalmente quando o rap denunciou a situação dos jovens das comunidades, tornando os artistas sinônimos de bandido aos olhos da sociedade. Ele traz um questionamento acerca da violência sofrida pela população em razão dos casos de corrupção, e especifica o episódio das dezenas de famílias que ficaram desabrigadas após o desabamento do edifício Palace II, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, cujo maior acionista da construtora era o deputado federal Sergio Naya. Acusado também de crimes como falsificação de documentos, fraude e falta de decoro parlamentar, o que lhe rendeu a cassação, segundo Bill, os crimes do colarinho branco são tão graves quanto àqueles classificados pela imprensa como “característicos” das camadas mais baixas e não tem a devida punição pela justiça.

“Fui transformado no bandido do milênio  
 O sensacionalismo por aqui merece um prêmio  
 Eu tava armado, mas não sou da sua laia  
 Quem é mais bandido: Beira-Mar ou Sérgio Naya?  
 Quem será que irá responder  
 Governador, senador, prefeito, ministro ou você?  
 Que é caçado e sempre paga o pato  
 Erga a sua cabeça para não ser decepado  
 (...)

Faz confusão na cabeça de um moleque que não  
 gosta de escola  
 E admira uma intratec, click-clack, mão na cabeça  
 Quando for roubar dinheiro público  
 Vê se não esqueça  
 Que na sua conta tem a honra de um homem  
 envergonhado  
 Ao ter que ver sua família passando fome  
 Ordem e progresso e perdão  
 Na terra onde quem rouba muito não tem punição”

O artista finaliza a letra da música com o refrão celebrando a importância da continuidade de luta, mantendo sempre a dignidade em direção a uma sociedade mais justa, convocando as camadas mais baixas da sociedade a lutarem juntas em direção às mudanças. No refrão, está presente uma característica do Aquilombamento referente à integração, à coletividade e o auxílio mútuo quando ele, diz estar “junto com a ralé” no caminho para a transformação. Aquilombar-se é lutar e assumir uma

posição de resistência, “é uma necessidade histórica, é um chamado, uma reconexão com nossa ancestralidade para atuar no presente, é construir esperança, é construir força, é construir sonho...”, de acordo com o jornalista Joselicio Junior (2019).

O Rap e o Aquilombamento se entrelaçam na resistência a uma cultura eurocêntrica que deixa suas marcas também na pedagogia. Marca essa, que não se apagou mesmo após a decretação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornaram obrigatórios o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. A história da população negra no Brasil continua sendo retratada como secundária, inclusive nos momentos em que foi protagonista, como na abolição da escravidão, visto que se mantém a lógica branca legalista do acontecimento, por exemplo.

Na história da Educação isso é bem explícito, pensando no contexto nacional, não se valorizou o que irei chamar de Pedagogia dos Povos Originários, não temos nos livros de História da Educação, registros de como se dava a orientação dos costumes e tradições dos povos originários desse território e se ressalta a educação a partir da perspectiva do colonizador, esta que foi direcionada para manter os privilégios daqueles que eram abastados, e ainda que haja registro de uma proposta pedagógica àqueles que aqui estavam a pedagogia jesuítica, foi com o propósito específico de aculturar e escravizar os povos originários aos costumes do opressor, o colonizador português.

Com o sequestro e escravização de africanos e africanas, para os europeus havia cada vez mais a necessidade de afirmar sua pseudo-superioridade, levando em consideração que apenas eles percebiam-se como humanos, a educação foi por séculos ferramenta da perpetuação da branquitude e do colonialismo, com nuances de que o patriarcado também bebeu nessa fonte, porém, as mulheres brancas, ainda que sofressem com uma instituição machista, tinham acesso a algum tipo de humanização por meio da manutenção de valores patriarcais. (ANUNCIAÇÃO, 2023)

Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e Silvio Almeida são figuras públicas essenciais e que vêm exercendo um papel fundamental na educação e na luta antirracista através de seus livros. MV Bill, os Racionais, Emicida, Criolo e Djonga são rappers que dedicam sua arte nesse sentido e que têm conquistado um número enorme de seguidores em suas redes sociais através da crítica ao racismo estrutural presente em nossa sociedade.

Trabalhar com o Rap em sala de aula é uma das formas de ir contra essa narrativa histórica presa a um ensino colonialista, na direção de uma educação decolonial e antirracista. Ou seja, o Rap e o Aquilombamento são fundamentais no trabalho de sala de aula e o Bill representa essa importância cultural de resistência ao sistema.

### **Considerações Finais**

Esse trabalho pretendeu apresentar informações sobre a importância do rapper Alex Pereira Barbosa e parte de sua obra associadas ao conceito de Aquilombamento, termo que se identifica como um ato de assumir uma posição de resistência contra uma cultura de dominação hegemônica.

Para isso, foi feita uma análise histórica sobre a chegada do Rap nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, de como ele se tornou uma ferramenta da luta e de integração da população periférica dessas capitais. O Rap se transformou num eficaz mecanismo de afirmação da negritude e suas letras passaram a refletir sobre problemas sociais do país. Cantando temas como o racismo, as injustiças e a atuação truculenta das forças policiais, os artistas passaram a se apresentar como transformadores sociais e a partir daí, convocaram os excluídos a se unirem e a lutarem.

Numa segunda etapa, foi feita uma análise do termo Aquilombamento, sendo trabalhado um conceito histórico das comunidades que serviram de abrigo e de resistência ao brutal sistema capitalista escravista, característico do Brasil durante os períodos colonial e imperial brasileiro. Ressaltando o valor histórico e cultural dos quilombos, o termo analisado retrata a importância da integração como forma de resistência ao racismo estrutural presente em nossa sociedade.

Posteriormente foi feito um breve resumo da vida do artista MV Bill destacando sua grandeza não só como cantor, mas também como ativista social. Fundador de uma organização não governamental que é responsável por apresentar novas perspectivas de vida e preparar milhares de jovens, Bill representa uma voz atuante e influente quando se trata do fortalecimento em direção à dignidade da periferia no cenário nacional.

Por fim, houve uma análise de uma das mais famosas composições do rapper, “Só Deus pode me julgar”, e como ela pode ser utilizada em sala de aula como um

exemplo de Aquilombamento. Na canção, o artista retrata diversas situações que envolvem o preconceito, a exclusão, a corrupção, a violência policial e como tudo isso afeta a população das periferias. A música pode ser uma forma de estudo de vários temas relacionados às Ciências Sociais como a cultura, os movimentos sociais, a segregação espacial, a pobreza e as desigualdades sociais. A letra trata também sobre a questão da autoestima da periferia e como ela é importante na continuidade da luta e da resistência aos séculos de exclusão da população negra do país, como proposto pelo Aquilombamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine N. de (ORG.). **Rap e Educação, Rap é Educação**. São Paulo: Summus, 1999.

ANUNCIAÇÃO, Paula. **Pedagogia Antirracista como práxis de transformação social: diálogos possíveis**. Portal Geledés, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pedagogia-antirracista-como-praxis-de-transformacao-social-dialogos-possiveis>. Acesso em: 01 de outubro de 2023.

BILL, MV. **MV Bill: A vida me ensinou a caminhar**. Porto Alegre: Editora AGE, 2022.

FARIAS, Marcio. **Quilombismo e Quilombagem: Divergências e convergências entre Abdias do Nascimento e Clóvis Moura**. Dandara Editora, Disponível em: <https://dandaraeditora.com.br/2022/02/09/quilombismo-e-quilombagem-divergencias-e-convergencias-entre-abdias-do-nascimento-e-clovis-moura/> . Acesso em 01 de outubro de 2023.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

JUNIOR, Joselicio. **É tempo de se aquilombar**. Revista Fórum, 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/2019/4/29/tempo-de-se-aquilombar-55485.html>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

LOPES, Ney. SIMAS, Luiz A. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MACHADO, Sandra. **Cidade de Deus, o bairro que virou filme**. MultiRio, Série Bairros Cariocas, 2013. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito científico histórico-social**. In: O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Brasília / Rio

de Janeiro: Fundação Palmares, 2002. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/ensaistas/qQuilombismo\\_um\\_conceito\\_cientifico\\_historico-social.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/ensaistas/qQuilombismo_um_conceito_cientifico_historico-social.pdf). Acesso em: 01 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Rap e Política: Percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

Quem Somos. CUFA, 2020. Disponível em: <https://cufa.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 29 de setembro de 2023.

RATTS, Alex. RIOS, Flavia. **Lélia Gonzales**. São Paulo, Selo Negro. 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SANTIAGO, Henrique. **Favela S/A- Conglomerado de 23 empresas que só atua em comunidades faz riqueza produzida na quebrada ficar por lá**. Site UOL. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/favela-s/a/#cover> . Acesso em: 30 de setembro de 2023.

SILVA, I. G. **Os anos 1990, as ONGs e seu protagonismo na implementação do neoliberalismo no Brasil**. Lutas Sociais, [S. l.], n. 29, 2012. DOI: 10.23925/l.s.v0i29.18510. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/18510>. Acesso em: 30 setembro de 2023.

SOUTO, Stéfane. **Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea**. In: Revista Metamorfose, vol. 4, nº 4, 2020.

TAPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: As transformações do Rap no Brasil**. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

VIANNA, Hermano (ORG.) **Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.